

PARTE II - Período Socrático

A Sofística

- 1) **Causas** - O surgimento da sofística foi marcado, pelo menos, por três causas bem distintas que favoreceram a propagação desta mentalidade. Lembremos de início que, numa visão clássica da Filosofia, os sofistas não foram filósofos nem se constituíram em escola, mas representaram antes uma postura existencial que comprometeu o futuro da busca da verdade, representada então pelos "amigos da Sabedoria, os filósofos.

- 1) **Causas Políticas e Sociais** – Depois das Guerras Médicas e das vitórias de maratona (490), Platéia (480) e Salamina (479), Atenas se converteu na cabeça de uma poderosa liga política e centro da vida comercial e cultural da Grécia, alcançando o apogeu de sua grandeza sobre Péricles (499 - 429). O predomínio da aristocracia foi substituído por um regime democrático no qual os cidadãos podiam fazer ouvir sua voz na praça pública (Ágora) e intervir nos debates públicos.

Com isto, a arte da palavra, o brilho da oratória e o manejo da dialética para a discussão adquirem grande importância num povo artista, amante do bem falar. A Retórica se converte então numa formidável arma política que assegurava os êxitos mais brilhantes para aqueles que sabiam servir-se dela na praça pública e ante os jurados.

A educação tradicional baseada na música, rítmica e ginástica se tornava insuficiente para preparar quem desejasse intervir de maneira eficaz no discurso político. Sentia-se necessidade de uma formação mais ampla, acompanhada de um domínio exato da linguagem, de flexibilidade e agudeza dialética necessárias para derrotar os adversários.

Esta é uma das razões que explicam a entusiasta acolhida que tiveram os sofistas, mestres ambulantes de retórica que em suas viagens tinham adquirido grande experiência do mundo e que ensinavam a manejar os recursos persuasivos da palavra pública. O êxito deles foi extraordinário, ainda que suscitasse reações opostas. Entre a juventude ateniense, ambiciosa de crescer socialmente e à qual "fascinavam" como "Orfeu", com seus brilhantes discursos e métodos de educação, produziram grande entusiasmo, ainda que tenham sido recebidos com crescente hostilidade pelos partidários do antigo regime conservador e aristocrático. Quando pouco mais tarde se viu Atenas envolvida na desgraçada guerra do Peloponeso, ao se refletir sobre as causas da decadência da grande metrópole, a reação contra os filósofos jônicos e contra os sofistas custou equivocadamente a vida de Sócrates.

- 2) **Causas de Ordem Filosófica** – A preponderância política, econômica e cultural de Atenas foi também causa dela se converter no centro de confluência de escolas filosóficas que até então se tinham mantido afastadas da metrópole. O choque de idéias característico da época pré-Socrática, o contraste entre tantas opiniões divergentes publicamente discutidas, as deficiências doutrinárias, quando nem os conceitos, nem a nomenclatura filosófica estavam suficientemente elaborados para abordar temas tão complexos, acabaram por criar um ambiente adequado para a atitude relativista que se constituirá em grande parte no pano de fundo da sofística.

A palavra “sofista” é empregada em sentido elogioso pelos escritores do séc. V. Píndaro chama sofista aos poetas. Heródoto aplica o mesmo qualificativo aos “Sete Sábios”, a Pitágoras e a Sólon . Porém, a partir da guerra do Peloponeso adquire um sentido pejorativo e desfavorável. Aristófanes traça em “As Nuvens” a caricatura do sofista, fazendo ressaltar sua habilidade para pronunciar um discurso justo e outro injusto sobre o mesmo tema. Jenofonte critica sua venalidade, definindo-os como comerciantes da sabedoria. Plantão põe em relevo sua vaidade, “caçadores interessados de gente rica, vendedores caros da ciência não real, senão aparente”. Aristóteles os qualifica de “traficantes de sabedoria aparente, porém não real”.

É verdade que conhecemos a sofística apenas através de seus inimigos. Alguns autores do século passado iniciaram uma tentativa de reabilitação. Porém, ainda que não se possa negar seus méritos em alguns aspectos, sem dúvida, parece que os prejuízos que causaram foram maiores, e, que os elementos conservadores de Atenas tinham justificados motivos de alarme. Na Filosofia a sofística representa uma crise em que a ciência correu o perigo de petrificar-se, convertendo-se em utilitarismo e em retórica vazia.

- 3) **Características Gerais** – Os sofistas não constituem uma escola Filosófica, ao contrário, seguem direções muito variadas e até opostas. Não obstante, tem as suficientes afinidades para permitir agrupá-los sob um traço comum enquanto representam um movimento com características próprias e nitidamente distintas dos filósofos anteriores.

A. Relativismo – Diferente dos filósofos do período anterior, preocupados por buscar um princípio estável e permanente sob as mutações incessantes das coisas, os sofistas se fixam mais na impermanência e na pluralidade. Nada há fixo nem estável. Tudo muda e se transforma. As essências das coisas são variáveis e contingentes.

B. Subjetivismo – Não existe verdade objetiva. As coisas são como a cada um lhe aparecem. O homem é a medida das coisas.

C. Ceticismo – Os sofistas colocam com caracteres agudos os problemas crítico do valor do nosso conhecimento, adotando uma atitude negativa. Não podemos conhecer nada com certeza.

- D. Indiferentismo Moral e Religioso** – Se as coisas são como a cada um lhes aparece, não existem coisas boas nem más em si mesmas, pois não existe uma norma transcendente de conduta. Na religião, a atitude dos sofistas chegava com frequência ao ateísmo, ou pelo menos, ao indiferentismo;
- E. Convencionalismo Jurídico** – Acentuam a contraposição entre lei e natureza (Phisis). Não existem leis imutáveis. As leis não têm fundamento na natureza e nem foram estabelecidas pelos deuses, senão que são simples convenções dos homens para poderem viver em sociedade, e fora da qual, os homens só têm a lei natural (fisis) de seus instintos”. Alguns, como o **Trasímaco** da República “exageram a lei natural até chegar a proclamar a força como único direito, em que os mais fortes prevalecem sobre os mais fracos.
- F. Oportunismo Político** – Se não há nada justo nem injusto em si mesmo, todos os meios são bons para conseguir o fim que cada um se propõe. O bom resultado justifica os meios empregados para consegui-los. A eloquência é a arte da persuasão e, ainda que indiferente em si mesma, pode empregar-se indistintamente para o bem ou para o mal, fazendo boa a má uma causa.
- G. Utilitarismo** – Mais que servir ao Estado, ensinavam a empregar meios para utiliza-se dele a serviço dos seus interesses particulares, utilizando para isto a arte de mover os sentimentos e as paixões;
- H. Frivolidade Intelectual** - Mais que filósofos, devem ser considerados como predigitadores mágicos intelectuais, que encobriam o vazio de seu pensamento com um foguetório verbal passageiro. Tinham uma confiança ilimitada no poder da palavra. “Com a palavra se fundam cidades, se fazem os portos, se comanda o exército e se governa o Estado”.
- I. Venalidade** – Vendiam-se por dinheiro – uma das censuras que mais lhes jogavam na cara seus inimigos -. Aos atenienses incomodava todo o trabalho intelectual remunerado e lhes parecia, pelo menos estranho, aqueles estrangeiros que vendiam suas lições por dinheiro. Platão os qualifica de “mercadores ambulantes de guloseimas da alma”.
- J. Humanismo** – Com as devidas ressalvas, de certo modo podem ser comparados com os humanistas do séc. XV, por sua veneração pela bela palavra ainda que se descuidassem de sua profundidade e do seu conteúdo formal. Centravam seus interesses nos problemas humanos. Porém, não se preocupavam com o homem como tal, senão bem mais com o homem político e os problemas práticos relacionados com a Pólis e a vida do Estado;
- K. Sua Finalidade** – Não era especulativa, senão eminentemente prática. Seu marcado ceticismo lhes impedia de se interessarem pelo saber enquanto tal. Propunham-se antes de tudo, educar a juventude em vista a conseguir os fins políticos, a formar homens de Estado, ganhar eleições, conquistar postos, triunfar nos negócios sem dar demasiada atenção a escolha dos meios.

- 4) **Méritos** – Na Filosofia romperam com o excessivo exclusivismo como que até então se centrava os interesses dos filósofos em torno do problema da Natureza, partindo-se para uma reflexão sistemática sobre os problemas humanos. Aperfeiçoaram a dialética colocando o problema crítico sobre o valor do conhecimento, ainda que suas soluções possam ter chegado ao subjetivismo e o ceticismo.

Na **Política** contribuíram por ampliar **conceito de lei**, demasiado estreito e particularista até então. Elaboraram o conceito de justiça. Puseram em relevo a diversidade e o relativismo das leis civis, próprias de cada cidade, sublinhando a contraposição entre a natureza, lei e pacto, nas quais se baseiam, respectivamente, o direito natural, o legal e o convencional. Seu conceito de natureza comum a todos os homens serviu para dar à lei um caráter mais universal.

Os sofistas se apresentavam antes de tudo como educadores, como mestres de sabedoria e de virtude cidadã. Na educação, introduziram um ideal pedagógico mais amplo e completo que o tradicional, tirando-o dos moldes demasiados estreitos da antiga formação ginástica e rítmica. Seu conceito de Retórica, não se referia somente à forma exterior dos discursos, nem a sua armação lógica interna, senão que implicava numa formação cultural enciclopédica, suficiente para preparar os jovens a intervir com êxito nos debates públicos e no governo do estado. Ainda que, apoiados sobre bases filosóficas poucas sólidas, na realidade, seu ideal de educação foi benéfico e acabou por prevalecer sobre o antigo.

Na **Gramática**, a importância concedida à palavra contribuiu para apurar e aperfeiçoar o uso da linguagem e a arte da oratória. É bem verdade que seu uso desmedido e pouco escrupuloso, implicava em perigo demasiado real de perder o rumo até o puro virtuosismo e de se converter em verbalismo (falatório) e charlatanismo.

Mas, apesar destes méritos, os retratos que deles fizeram seus adversários, destacando sua vaidade, sua venalidade, seu orgulho e vazio intelectual não devem ser considerados como simples caricaturas. Seus escritos na maior parte se perderam. Sua contribuição positiva, porém, não foi demasiadamente importante comparada com o avanço gigantesco que poucos anos mais tarde vai dar a filosofia por obra dos três grandes gênios: Sócrates, Platão e Aristóteles.

2) Representantes da Sofística

PROTÁGORAS – Natural de Abdera. Diz-se que foi educado pelos “magos” que acompanhavam a Xerxes. Realizou várias visitas a Atenas. Foi muito estimado por Péricles que o encarregou de redigir uma constituição para a colônia pan-helênica de Thurioi. Acusado de desrespeito por Pitodoro e condenado a morte, em 416, pode salvar sua vida fugindo. Seu livro “Sobre os deuses” foi queimado, em praça pública. Morreu em sua pátria ou na Cecília, aos oitenta anos de idade.

É o mais eminente dos sofistas. Platão chama-o “pai da sofística”, o trata com respeito no “Protágoras”, ainda que, depois o ridicularize em “Teeteto”. Foi sutil gramático e brilhante orador. Na gramática, é-lhe atribuído ter iniciado o estudo científico e sistemático da palavra, distinguindo os gêneros masculino, feminino e neutro e as partes da oração: substantivo, adjetivo e verbo. Na retórica, distinguiu as partes, do discurso: exórdio, preâmbulo, disposição, exposição, discussão, refutação e conclusão. Ensinou durante 40 anos se tornando muito rico com suas lições, pois cobrava cem minas por cada curso. Restaram escassos fragmentos de suas obras: “A Verdade (ou, Os Discursos), Sobre os Deuses, Sobre o Ser e Grande Discurso.

Seu fundo filosófico procede de Heráclito ou dos atomistas de Abdera. Está dominado pela idéia da mudança incessante das coisas. Nada há fixo e nem estável. Somente podemos conhecer os fenômenos que impressionam nossos sentidos. Daqui provém seu subjetivismo sensível, seu relativismo e seu ceticismo. Não existindo nada estável e percebendo cada um, a realidade a sua maneira, não há uma “verdade” universal, se não que tantas verdades como indivíduos. Cada um é a norma de sua verdade. Todas as aparências são verdadeiras. O que é verdade para um não é verdade para o outro. As coisas nem são considerando que estão em perpétua mudança. Somente, são verdade enquanto que nos aparecem e sua verdade consiste em como nos aparecem. A sua obra “Sobre a Verdade” pertencia a famosa frase: “o Homem é a medida de todas as coisas, das que são, enquanto são, enquanto que não são”.

Moral – Aplicando à Moral o relativismo do ser conclui que tão pouco existe um bem e nem uma justiça fixa e universal. O que alguns consideram bom a outros lhes parece mal. Daqui o valor da habilidade dos retóricos para transformar a “*pior razão na melhor*” e para “*fazer dois discursos opostos, sobre a mesma coisa*”.

Existência de Deus – sobre a existência de Deus professava o agnosticismo mais absoluto. “*Acerca dos deuses, eu não posso saber se existem ou não, nem tampouco, que forma podem ter. Existem muitos impedimentos para sabê-lo, a obscuridade da matéria e a brevidade da vida humana*”.

GÓRGIAS – Natural de Leontinoi, colônia de Chalcis, na Cecília. Foi enviado à Atenas como embaixador em 427 para solicitar ajuda contra os siracusanos, deixando aos atenienses, admirados com sua eloquência. Atribuem-se a ele ter se apresentado no teatro de Atenas, dizendo: “*Perguntem*”. Foi muito estimado por Péricles, Aspásia, Tucídides, Alcebiades e Crítias. Morreu em Larisa (tessália) aos 59 anos.

Escreveu “Sobre o Não- Ser ou Sobre a Natureza”, Um Epitáfio, Olímpico, Arte Retórica, Elogio de Helena, Defesa de Palamedes, Elogio a cidade de Eléa.

Foi, talvez, o orador mais brilhante entre os sofistas. Professava uma confiança limitada no poder da palavra e subordinava todas as artes a de persuadir. “*A palavra é uma grande dominadora, que com um corpo pequeníssimo e invisível, realiza obras diviníssimas*”. “*O sofista faz discursos, como médico medicinas*”.

Seu fundo filosófico parece inspirado em Empédocles e nos eleátas, chegando até os limites mais extremos do **agnosticismo** e do **niilismo**, pois não só nega a realidade do espaço, do vazio, do movimento e do tempo e das coisas particulares, mas também a mesma existência do ser. Sexto Empírico nos conservou um resumo dos “três capítulos” de Górgias:

1º Não existe nada.

- a) Não existe o Não-Ser (Heráclito, Protágoras). Se existe alguma coisa é o ser ou o Não-Ser. Existir o Não-Ser implica contradição, porque seria e não seria ao mesmo tempo.
- b) Tampouco existe o ser (Parmênides), nem eterno, nem criado, nem eterno e criado por vez, nem único e nem múltiplo.
- c) Tão pouco existe um ser misturado de Não-Ser (Pitágoras).

2º Ainda que existisse o ser seria incompreensível para nós e não o poderíamos conhecê-lo.

3º E ainda que, pudéssemos conhecê-lo, não poderíamos comunicar a outros nosso conhecimento.

É possível que uma atitude tão radical não passasse de um simples exercício de retórica ou um jogo dialético para ridicularizar aos eleátas e a Protágoras empregando suas próprias armas. Ou, talvez, uma gozação aos filósofos fazendo alarde da habilidade dos retóricos para falar bem até das coisas mais contraditórias. No fundo, porém, tira-se a conclusão de que não conhecemos mais que aparências e que a retórica é a arte de descobrir aquelas que podem nos ser úteis em cada caso particular. Na política defendeu a idéia pan-helenista da união de todos os gregos.

HIPPIAS DE ELIS (2ª metade do séc. V) – Natural de Elis. Visitou Atenas por volta de 421. Foi encarregado por seus compatriotas de uma missão diplomática em Esparta. Famoso por sua beleza, sua força atlética e sua prodigiosa memória. Era capaz de repetir uma lista de sessenta palavras depois de ouvi-las somente uma vez. Sabia a série de todos os arcontes, desde Sólon e as histórias e genealogias de todos os povos. Propunha um ideal enciclopédico de educação que abrangia todas as artes e todas as ciências: história, gramática, retórica, mitologia, astronomia, matemática, música, ritmo e harmonia. Desafiava a todos que quisessem discutir e se achassem mais sábios que ele. Apresentou-se nos jogos olímpicos ostentando um manto, anel, camafeu, cinturão, sapatos e um frasco de perfume tudo confeccionado por ele. Platão o descreve como falador, petulante e vaidoso.

Escreveu numerosas obras sobre, os mais variados assuntos: Sinagoga, o Troiano, Sobre a Quadratura do círculo, Elegias de Hippias e Lista de Vencedores Olímpicos.

A educação é o melhor que tem os homens. É a depositária da cultura humana. É como a semeadora que prepara a colheita, e que, uma vez plantada no coração humano, florescerá por toda a vida. A lei natural deve prevalecer sobre as leis civis que tiranizam os homens e os obrigam a ações contrárias a natureza. Proclamava a igualdade entre todos os homens, gregos, bárbaros, aristocratas e escravos. Este cosmopolitismo aparece nos filósofos que não pertencem a Atenas.

PRÓDICOS DE KEOS – Natural de Iulis, ilha de Kéos. Discípulo de Protágoras, com influências de Górgias, Isócrates e do músico Damom. Foi várias vezes em Atenas, como delegado de Keos. Platão o descreve como homem rico, pretencioso e refinado, envolto em casacos de pele. Escreveu "Sobre a Natureza" e "As Horas" ou as "Estações", em que expunha suas teorias morais e onde se encontra o famoso mito de Hércules ante e encruzilhada de dois caminhos: o largo do vício e o estreito da virtude. Distinguiu-se por seu cuidado em distinguir sinônimos.

Ante à vida adota uma atitude pessimista. Não se há que temer a morte, pois, enquanto vivemos, não existe a morte, e quando ela existe, já não existimos. Para triunfar na vida é necessário o esforço. Nada de bom e belo se consegue neste mundo sem o trabalho.

TRASÍMACO – Natural de Calcedônia, colônia de Mégara na Bitínia, um pouco mais velho que Górgias de quem foi rival. Grande retórico e gramático. Estudou ritmo da prosa. Ensinou algum tempo em Atenas.

São-lhe atribuídas muitas obras que ainda existiam no tempo de Cícero: Grande Arte, Temas, Oratória, Preponderâncias, Discursos para estimular a Piedade, etc.

Platão critica severamente suas teorias morais e políticas. Para Trasímaco nada há justo, nem injusto, verdadeiro e nem falso. Há o direito natural da força. O justo é o que é proveitoso ao mais forte e o que convém ao governo constituído. O bem é aquilo que os mais fortes impõem aos seus inimigos. A Lei foi feita somente para homens fracos que não têm valor para se subtrair a ela. Os deuses foram inventados pelos legisladores para assustar aos homens. E, se existem não têm providência e nem se preocupam com os assuntos humanos.

ANTÍFON (Segunda metade do séc. V) – Natural de Atenas, contemporâneo e rival de Sócrates. Inimigo da democracia. Escreveu os livros: Sobre a Verdade, Política, Sobre a Concórdia, Sobre a interpretação dos Sonhos. Restaram alguns fragmentos de seu ensaio sobre a quadratura do círculo. Cultivou a física, a geometria e a ética.

Em “A Verdade” parece defender uma posição semelhante a dos eleátas. Só existe um ser. Os seres particulares não são mais que aparências. Contrapõe a natureza (Phísis) em que se baseia o direito natural inato e absoluto e as leis da cidade com seu direito positivo que é puramente convencional e imposto pela força ou pela necessidade. À lei natural corresponde a verdade e às leis civis a opinião. A verdadeira justiça se baseia na lei natural. *“A maior parte das coisas que são injustas estão em oposição com a natureza”*.

Condenava a separação das classes sociais. Fomos feitos pela natureza para o mesmo caminho. Sustentava a igualdade, entre todos os homens e a fraternidade sem distinção de nações.

Em moral tinha pensamentos muitos elevados. O maior de todos os bens é estar em harmonia consigo mesmo e com os demais. A moderação deve provar-se na tentação. Aquele que não experimentou o desejo ignora o que é a temperança. Afirma a existência e unidade de Deus. *“A divindade nada lhe falta e nada pode receber, porque é infinita e sem nenhum defeito”*. Considerava convencionais e sem nenhum valor os cultos a divindade. Em seu livro, sobre a interpretação dos sonhos expunha a arte da adivinhação e a definia como a *“conjectura de um homem prudente”*.

CRÍTIAS – Aristocrata ateniense, primo de Platão. Discípulo de Górgias e Sócrates a quem seguiu considerando-o como um sofista, para aprender a arte da política, e abandoná-lo, como Alcebiades, quando creram que já haviam aprendido o suficiente... Admirava o regime espartano e aborrecia-lhe a democracia. Tinha caráter violento. Começou a interferir na política, por volta de 415. Em 407 foi preso e exilado por causa da mutilação que fez à estátua de Hermes junto com Cármides, tio de Platão. Tomou parte do Regime dos Trinta Tiranos tendo sido morto por Trasíbulo em 403. Compôs vários poemas: Hexâmetros, Elégias, Constituições, dramas: Tennes, Radamanto, Piritoo, Sísifo. Neste último ensinava que a invenção dos deuses somente havia tido uma finalidade política. Os deuses não eram mais que uma criação de um homem

inventivo para atemorizar aos homens e obrigá-los a cumprir às leis. Não são nem os deuses e nem a fortuna, senão as culpas dos antepassados, a causara da ruína da Grécia, mas os antepassados

“Os Discursos Duplos” – Obra medíocre, composta por volta do ano 400, por algum discípulo de Protágoras em que expõe todos os paradoxos do relativismo. O bem, o mal, o justo e o injusto têm um valor relativo. O que é bom para uns é mal para os outros. O alimento é bom para o homem são e mal para o enfermo. A enfermidade é má para o enfermo e bom para o médico.